

A FORÇA DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES: INTERGERACIONALIDADE E TRANSGERACIONALIDADE

Ana Rosa Chait Trachtenberg ¹

*“Has the like of this happened in your days or in the days of your fathers? Tell your children about it and let your children tell theirs.
And their children the next generation!”
(I Joel,2-3)*

No ano de 1914, no fundamental texto “Introdução ao Narcisismo”, Freud declara que o indivíduo é, em si mesmo, seu próprio fim, mas se encontra vinculado a uma corrente geracional como elo de transmissão, sendo beneficiário e herdeiro da mesma.

O tema da transmissão psíquica entre gerações estava já presente em Totem e Tabu (FREUD, 1913) com destaque para o tabu ao incesto, o parricídio e o tratamento dado ao luto e aos fantasmas, logo retomados em Luto e Melancolia (FREUD, 1917).

De acordo com Kaës (2002), as idéias freudianas foram ampliadas com os aportes de Klein, Bion e Winnicott, através dos conceitos de relação de objeto, de função alfa e de capacidade de *rêverie* materna. Eles introduziram a conjunção das alteridades externa e interna na compreensão dos processos constitutivos da psique do sujeito. Kaës diz ainda que, com Lacan, Green e Piera Aulagnier se qualifica a questão da fundação do inconsciente do sujeito como efeito da *intersubjetividade*, do desejo do outro, do outro do objeto (KAËS, 2002).

O contrato narcísico de Piera Aulagnier (1997) nos indica que existe um pré-investimento dos pais em relação ao bebê, ao qual reservam um lugar legítimo. A criança demanda ao grupo o reconhecimento de que ela lhe pertence, enquanto o

¹ Membro Titular com Função Didática da SBPdePA (Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre); Membro Associado da APdeBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires); Diretora do Departamento de Publicações e Divulgação da FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise).
e-mail :anarosact@terra.com.br

grupo lhe demanda a preservação de seus valores e leis, previamente estabelecidos.

Ela também ressalta a importância da atividade de porta – palavra da mãe e diz que o *infans*, quando a palavra não é trazida, fica psiquicamente mutilado. Apoiada em Bion, ela diz que a criança só pode constituir objetos de pensamento sob a condição de terem sido transformados pela função alfa da psique materna.

O espaço de intermediação (KAËS, 1996) (*rêverie*, função alfa) marca uma fundamental escolha de caminhos sobre a forma pela qual a transmissão vai acontecer. Transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra.

Quando falo de transmissão psíquica de uma geração para outra, refiro-me a duas modalidades básicas: **intergeracional** e **transgeracional**. A primeira delas, a **intergeracional**, é a que acontece **entre** as gerações, havendo uma distância, um espaço entre o “transmissor” e o “receptor”, preservando-se as bordas da subjetividade. A transmissão **transgeracional**, ao contrário, é invasiva e ocorre **através** dos sujeitos e gerações.

Transmissões Intergeracionais (ou “o olhar consistente”)



**Virgem e o Menino com Sant'Ana
Leonardo da Vinci – 1508-10**

Nas transmissões intergeracionais, o sujeito não é somente beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também adquirente singular daquilo que lhe é

transmitido. Trata-se de um trabalho psíquico de elaboração que diz respeito ao sujeito e ao grupo, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, a uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado. Este trabalho permite a cada geração situar-se em relação às outras, perceber e respeitar as diferenças entre elas, tornar-se um elo, e inscrever cada sujeito numa cadeia e num grupo.

A transmissão psíquica intergeracional é estruturante e nucleada na existência de um **espaço de transcrição transformadora** (KAËS, 1996a), no qual se veicula uma herança intergeracional, constituída por fantasias, imagos, identificações secundárias, etc. organizando uma história familiar, um relato mítico, do qual cada sujeito pode tomar os elementos necessários para a constituição da sua novela individual neurótica.

Em outro lugar (TRACHTENBERG, 2002a, 2002b), denominei **identificação telescópica** ao movimento psíquico que perpassa várias gerações, chegando a lugares muito distantes, conservando e, ao mesmo tempo, modificando histórias nessa trajetória. Está relacionado às tradições de grupos étnicos e de grupos familiares.

Essa parece ser a trilha daquelas transmissões psíquicas entre gerações que são bem-sucedidas, exitosas, nas quais o escudo protetor materno cumpriu a sua meta a contento, e a mãe pôde investir adequadamente seu bebê. Na clínica observamos um predomínio de patologias neuróticas (em oposição às patologias mais severas) quando nos deparamos com fenômenos ligados às transmissões intergeracionais.

Transmissões transgeracionais (ou “o olhar transparente”)**



**Self-Portrait as a Tehuana (Diego on My Mind)
Frida Kahlo, Mexican, 1907 - 1954**

Várias situações, entretanto, podem destruir a capacidade e a função parentais: lutos não-elaborados, segredos, histórias lacunares, histórias de violência, vazios, migrações, que se constituíram em traumas não transformados, elaborados, ou historizados. Poderão não só comprometer dramaticamente a capacidade metabolizadora parental das ansiedades primitivas do bebê, como também propiciar uma inversão da linha geracional e a “*reverie invertida*” (TRACHTENBERG, 2005b) ocasião em que o filho torna-se depositário da angústia parental. Assim, poderão ser inauguradas, na história de muitos pacientes, **transmissões transgeracionais**. Observamos, então, nestes casos, um predomínio da transmissão que ocorre **através** dos sujeitos, atravessando o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de formações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem a preservação dos espaços ou das bordas da subjetividade. Sob o predomínio do narcisismo, os dois psiquismos são um só, tal como se apresenta em várias situações clínicas de nossos dias.

Nas situações de violência social ou violência de estado, o intrapsíquico se vê desbordado em seu potencial de ligação e representação. Tal é o caso do holocausto (Shoá), que deixou para seus sobreviventes e/ou descendentes uma marca que, de acordo com muitos autores, não é passível de representação. São momentos traumáticos encapsulados (ROSENFELD, 1993), convertidos em “restos radioativos” (GAMPEL, 2006), que não podem ser transformados em pensamento simbólico, em palavras e surgem sob a forma de enfermidades psíquicas ou físicas, no próprio sujeito ou nas gerações seguintes.

São histórias e pré-histórias particulares, em que há superposição do conflito intrapsíquico (neurótico) com esse “não representado” histórico, proveniente do traumático vivido e não elaborado pelo sujeito e/ou por seus descendentes.

Gampel (2006) denomina tais efeitos como “transmissão e identificação radioativa” e cita Wilcowicz, quem conceitua uma forma de “identificação vampírica”, em que alguns descendentes das vítimas da Shoá, prisioneiros dos traumatismos da geração anterior, não são “nem mortos, nem vivos, nem nascidos”, tal como os vampiros***.

Os aportes de N. Abraham e M. Torok (1995), na década de 1970, sobre o **luto**, a **cripta** e o **fantasma** foram decisivos para as investigações das transmissões transgeracionais, destacando-se a idéia de que no inconsciente de um sujeito se enquista uma parte do inconsciente de um outro, que vem habitá-lo como um fantasma, além do mandato imperativo que o ancestral faz pesar sobre a sua

descendência. A cripta é uma sepultura secreta, uma furna, que mantém em conserva um luto indizível, que contém as palavras não ditas, as lágrimas não derramadas, as cenas não lembradas, bem como o correlato objetual da perda que não foi admitida como tal.

Essa história, ou não-história, repleta de não-ditos, necessita ser dissociada ou **clivada** pelo sujeito, como uma defesa frente à uma enorme ameaça de dor e sofrimento que um possível contato afetivo com a situação traumática pode produzir. Habitará uma cripta firmemente lacrada, necessitará encontrar um depósito fora dele próprio. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, as partes alienadas de si mesmo, e as coloca na mente de alguém narcisicamente selecionado, da geração seguinte.

Essas formas particulares de identificação projetiva (identificação alienante, FAIMBERG, 2000; identificação mórbida, PEREIRA DA SILVA, 2003; identificação traumática, TRACHTENBERG, 2005b) “liberta” o representante dessa geração (geração 1), enquanto “escraviza”, através de mandatos inconscientes, o representante escolhido da geração seguinte (geração 2 ou 3). Este, vivendo uma história que, ao menos em parte, não é sua, tendo uma parte de seu psiquismo alienado, estrangeiro a si mesmo, é um dos protagonistas daquilo que Faimberg (2000) denominou telescopagem de gerações. Surgindo da cripta e do mandato, do segredo inconfessável e da não-simbolização, o acento passará a ser colocado, nos autores modernos, na falha do simbólico, no negativo, no “branco”, no vazio, no irrepresentável.

Muitos deles estão de acordo a respeito de que o Complexo da Mãe-Morta - uma já clássica descrição de André Green (1988) - poderá delimitar uma transmissão transgeracional. Recentemente, Green (2005) declarou que hoje o chamaria de *“mãe que está em outro lugar”*, já que o bebê vive a terrível experiência de uma mãe *inacessível*, que denominei como *“mãe com um olhar transparente”*. Afirma que na clínica observamos *uma sensação/desejo de autodesaparecimento*, em pacientes vistos pela síndrome do vazio.

Esse *outro lugar*, o lugar do não-elaborado que ocupa a mente dessa mãe, pode ser um luto próprio (perda de um filho), alheio (vergonha familiar) ou derivado de uma situação social de violência (holocausto ou ditaduras / desaparecimento / violência urbana).

A transmissão transgeracional é uma transmissão psíquica geracional que, do ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações, se tornou

defeituosa, foi interrompida; as histórias de seus personagens estão colapsadas, coladas umas às outras; estão sob o predomínio da repetição e do narcisismo.

Encontraremos, em ambas as gerações, o impensável, o indizível, o negativo, o processo do segredar, os restos insensatos, os passados em silêncio, as histórias vazias. A nova geração, herdeira compulsória e “continente do negativo” (PUGET e KAËS, 1991), essa vesícula que contém produtos tóxicos, receptora singular de uma transmissão defeituosa e que, por estar dominada por sua dependência e seu apego aos pais, bem como por sua necessidade de ocupar o lugar que lhe é determinado, tentará, por todos os meios, libertar-se desse fardo, quando há um certo predomínio de pulsão de vida.

Inicialmente o fazem através de um sintoma, e logo mais, durante um processo analítico, através do vínculo qualificado com outro, um analista capaz de transformar os conteúdos daquela zona em palavras. Nessa travessia transformadora buscam sua herança intergeracional, um sentido de sua história e de sua pré-história que ficara perdido, interrompido ou destruído em gerações anteriores. Encontram, com surpresa, aquilo que coabita, seu mundo neurótico.

A arte nos traz alguns belos exemplos de mudança psíquica e transformação, Manoel de Barros, grande poeta sul mato-grossense nos diz, à propósito :

*Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
folhas secas, penas de urubu
E demais trambolhos.
Seria como o percurso de uma palavra antes de
chegar ao poema.
As palavras, na viagem para o poema, recebem
nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.
E demais escorralhas.
As palavras se sujam de nós na viagem,
Mas desembarcam no poema escorreitas:
como que filtradas.
E livres das tripas do nosso espírito.*

Manoel de Barros

Apresento a seguir um quadro sinóptico comparativo entre as duas formas de transmissão psíquica entre gerações, tal como foram colocadas acima.

Transmissão Psíquica entre Gerações

INTERGERACIONAL	TRANSGERACIONAL
1. A serviço dos vínculos, da elaboração, da historização do Sujeito	1. A serviço do esquecimento (morte), da repetição, da não-história
2. Transmissão Intersubjetiva - com resguardo dos bordos da subjetividade - entre sujeitos / entre as gerações	2. Transmissão Transpsíquica, invasiva, sem transformação, passagem direta através das gerações
3. Acontecimentos elaborados (traumáticos ou não) "Olhar Consistente"	3. Acontecimentos Traumáticos não-elaborados (lutos, migrações, violências, violência de estado, segredos) "Olhar Transparente"
4. Representação Psíquica / Simbolização / Palavra	4. Cripta / Fantasma / Silêncio / Vazio / Negativo / Branco / Falha no Simbólico / Elementos não-transformados Não-palavra – Não Representação
5. Espaço de transcrição transformadora (entre gerações) / Cadeia (elo) Geracional	5. Falta espaço de transcrição transformadora (entre gerações); Cadeia traumática transgeracional
6. Memória / Historização / Herança Intergeracional / Fantasias / Imagos	6. Esquecimento / Não-História / Herança transgeracional / Histórias colapsadas
7. Antepassado: Objeto intergeracional / Núcleo de pertinência, genealogia	7. Antepassado: Objeto transgeracional
8. Identificações telescópicas (herança, sobrenome, tradições), identificações secundárias	8. Telescopagem de gerações / Identificações alienantes / Identificações Traumáticas / Identificações Vampíricas / Identificações Mórbidas / Identificações Radioativas
9. Conflitos neuróticos, "miséria comum"	9. Narcisismo, vazio, mandatos,
10. mantidas diferenças entre gerações	10. Inversão da linha de gerações "reverie invertida", vesícula de produtos tóxicos

* Kaës (1996b) faz uma distinção esclarecedora sobre as questões da transmissão, observando dois tipos: intersubjetiva e transpsíquica. A primeira é um tipo de transmissão que envolve as relações imaginárias, reais e simbólicas entre os sujeitos. O grupo familiar é o espaço originário da intersubjetividade; ele precede o sujeito singular, está estruturado por uma lei constitutiva, e seus elementos estão em relação de diferença e de complementaridade. No conjunto intersubjetivo, são

apresentados os enunciados referentes às proibições fundamentais, como também as relações de desejo que estruturarão os vínculos, as identificações e o complexo edípico. Já na transmissão transpsíquica, há uma abolição dos limites e espaços subjetivos, não existindo a experiência de separação entre sujeitos, que ficam à mercê das exigências do narcisismo. A transmissão transpsíquica se diferencia da transmissão intersubjetiva porque esta pressupõe um espaço de transcrição transformadora da transmissão.

** Pensando nos desenhos de crianças psicóticas onde encontramos, transparências, sistematicamente, me ocorreu descrever o olhar destas mães “que estão em outro lugar” como mães com um “olhar transparente”. Elas olham a seus bebês, mas não podem vê-los, pois fitam a outro.

*** Cabe recordar ao autor húngaro Imre Kertész, sobrevivente do holocausto e ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 2002, em seu livro ‘Kadish para uma Criança Não-Nascida’ onde ele revela não ter filhos para poupá-los da transmissão de seu passado traumático inelaborável.

Referências

ABRAHAM, N.; Torok, M. (1987). **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

AULAGNIER, P. **La Violência de la Interpretación**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.

BOTELLA, C. (2000). SBPdePA entrevista César Botella. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2000.

FAIMBERG, H. Entrevista. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v.2, n.1, 2000.

FREUD, S. (1913). Totem y tabu. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. 13.

FREUD, S. (1914). Introducción al Narcisismo. In: _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974. v. 14.

FREUD, S. (1917). Luto e Melancolia. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.

GAMPEL, Yolanda. **Esos Padres que Viven a través de Mí: la violencia de estado y sus secuelas**. Buenos Aires: Piados, 2006.

GREEN, A. **Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. **Ideas Directrices para un Psicoanálisis Contemporáneo: desconocimiento y reconocimiento del inconsciente**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

KAËS, R. **Vinculo e intersubjetividad**. Montevideú. 2002. (comunicação)

KAËS, R. Introducción al Concepto de Transmisión Psíquica en el Pensamiento de Freud. In: KAËS, R. et al. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996-a.

KAËS, R. Introducción: el sujeto de la herencia. In: KAËS, R. et al. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996-b.

PEREIRA DA SILVA, M. C. **A herança psíquica na clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ROSENFELD, D. A identificação e suas vicissitudes em relação ao fenômeno nazista. In: _____. **O Psicótico: aspectos da personalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

TRACHTENBERG, A. R. C. Espaço Psíquico Geracional e as Identificações Telescópicas. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2002a.

TRACHTENBERG, A. R. C. Moisés: um espaço de transcrição transformadora: In: MASINA, L.; CARDONI, V. (Org.). **Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002b.

TRACHTENBERG, A. R. C. **Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2005a.

TRACHTENBERG, A. R. C e Lorenzoni, M. Identificações Traumáticas, Congelamento e Transgeracionalidade **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2005b.

Trabalho publicado em: Revista *PSICANÁLISE*, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Volume 9, Número 2, 2007, pp. 341-354., e enviado para para Fascículo de Família y Pareja de Fepal com autorización do Editor da referida publicação.